



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS

MONOTONGAÇÃO: um fenômeno fonético-fonológico variável

JOÃO PESSOA – PB

2019

ALAN REIS DA SILVA

MONOTONGAÇÃO: um fenômeno fonético-fonológico variável

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Coordenação do Curso de Letras - Língua
Portuguesa da Universidade Federal da Paraíba,
como pré-requisito para a obtenção do grau de
Licenciado em Letras.

Orientador (a): Prof. Dr. Juliene Pedrosa.

JOÃO PESSOA – PB

2019

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

S568m Silva, Alan Reis da.

MONOTONGAÇÃO: um fenômeno fonético-fonológico variável
/ Alan Reis da Silva. - João Pessoa, 2019.
40 f. : il.

Orientação: Juliene Lopes Ribeiro Pedrosa.
Monografia (Graduação) - UFPB/cchla.

1. Sociolinguística;Variação linguística. I. Pedrosa,
Juliene Lopes Ribeiro. II. Título.

UFPB/CCHLA

ALAN REIS DA SILVA

MONOTONGAÇÃO: UM FENÔMENO FÓNETICO-FONOLÓGICO VARIÁVEL

Trabalho apresentado ao Curso de Letras da Universidade Federal da Paraíba como requisito para obtenção do grau de Licenciada em Letras, habilitação em Língua Portuguesa.

Data da aprovação: ____/____/____

Banca examinadora

_ Profa. Dra. Juliene Lopes Ribeiro Pedrosa, DLCV, UFPB

Orientadora

_ Profa. Me. Rossana Tavares de Almeida,

Examinadora

_ Profa. Me. Fabianne Ramos de Souza Vieira,

Examinadora

_ Prof. Me. Antônio Felipe Barbosa Neto,

Examinador Suplente

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo principal propor atividades acerca do fenômeno fonético-fonológico da *monotongação*, que possam auxiliar aos docentes e discentes na escrita dos ditongos que podem monotongar. O processo fonético da monotongação, por natureza, ocorre através da transformação do encontro de uma vogal, seguida de uma semivogal ou glide (ditongo decrescente) na mesma sílaba, em vogal simples. Diante disso, o trabalho trará atividades voltadas a direcionar os docentes e discentes em torno do fenômeno da monotongação na escrita do português brasileiro, possibilitando reflexões em torno das diversas situações de uso de variantes linguísticas aplicadas no uso da língua no cotidiano. Para tanto, a pesquisa parte de breves reflexões dos estudos da Sociolinguística Variacionista, tendo como ponto central a figura eminente desse tema, o estudioso Labov. Em seguida, traçaremos um olhar sobre o fenômeno da monotongação, a partir dos trabalhos de Câmara Jr (2004); Hora (2009); Coelho (2010) e Machado (2012), e por fim, de acordo com a teoria apresentada, efetivaremos uma série de atividades, visando uma compreensão didática e metodológica do tema. O rol das atividades propostas para ratificar o fenômeno da monotongação na escrita e ficaram disponíveis como fonte de pesquisa e referências, para serem utilizadas em outra eventual pesquisa.

Palavras-Chave: Sociolinguística Variacionista; variação linguística; Monotongação

ABSTRACT

This work has as main objective to propose activities about the phonological-phonological phenomenon of monotongation, that can help the teachers and students in the writing of the diphthongs that can monotongar. The phonetic process of monotongation, by nature, occurs by transforming the encounter of a vowel, followed by a semivowel or glide (decreasing diphthong) on the same syllable, in a simple vowel. Thus, the work will bring activities aimed at directing teachers and students around the phenomenon of monotongation in the writing of Brazilian Portuguese, allowing reflections around the various situations of use of language variants applied in the use of language in daily life. For this, the research starts from brief reflections of the studies of Variationist Sociolinguistics, having as central point the eminent figure of this subject, the student Labov. Then, we will take a look at the phenomenon of monotongation, from the works of Câmara Jr (2004); Time (2009); Coelho (2010) and Machado (2012), and finally, according to the presented theory, we will carry out a series of activities, aiming at a didactic and methodological understanding of the theme. The role of the activities proposed to ratify the phenomenon of monotongation in writing and became available as a source of research and references, to be used in another possible research.

Keywords: Sociolinguistic Variation; linguistic variation; Monotongation

LISTA DE SIGLAS

| | |
|-----------|-----------------------|
| LP | LÍNGUA PORTUGUESA |
| GT | GRAMÁTICA TRADICIONAL |
| LM | LÍNGUA MATERNA |
| PB | PORTUGUÊS BRASILEIRO |

SUMÁRIO

| | |
|------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| INTRODUÇÃO | 9 |
| 1. SOB O OLHAR DA SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA | 11 |
| 1.1 – SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA..... | 11 |
| 1.2 – VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA | 14 |
| 2. PROCESSO DE FORMAÇÃO E IDENTIFICAÇÃO DE MONOTONGO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO | 199 |
| 2.1 – SÍLABA..... | 199 |
| 2.2 – DITONGO..... | 22 |
| 2.3 – MONOTONGAÇÃO | 23 |
| 3. MONOTONGAÇÃO EM SALA DE AULA: ALGUMAS ATIVIDADES | 288 |
| 3.1 - EXERCÍCIOS PARA TRABALHAR A MONOTONGAÇÃO NA ESCRITA | 299 |
| 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 37 |
| 5. REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICAS:..... | 388 |

INTRODUÇÃO

A *monotongação* é um fenômeno que, por meio de uma alteração fonética, reduz o ditongo, encontro entre vogal e semivogal/glide¹, a uma única vogal. Pois, como afirma Machado (2012, p.172), “As línguas românicas, em geral, têm uma tendência a reduzir os ditongos a vogais. Esse processo pode ser observado desde uma abordagem diacrônica da língua, até sua investigação sincrônica”.

Por ser bastante comum na fala, o fenômeno da *monotongação* não sofre estigma quando utilizado nesse âmbito. E, por isso, muitas vezes é refletido na escrita, lócus em que passa a ser visto como problema, já que temos uma ortografia oficial que rege a escrita de todos os usuários da língua.

Assim, nas práticas de ensino-aprendizagem da Língua Portuguesa (LP), nas séries iniciais de crianças, jovens e adultos, é comum o surgimento do fenômeno da *monotongação* na escrita dos alunos. Uma lacuna não reconhecida por aqueles que defendem apenas o uso da Gramática Tradicional (GT) como fonte de ensino nos estudos iniciais, sem enxergar e/ou mencionar determinados fenômenos linguísticos que alteram a percepção da língua.

Por essa razão, é necessário propor atividades que possam ajudar aos docentes e discentes com a escrita de ditongos que têm a tendência a serem *monotongados* durante sua realização na fala, já que podem facilmente serem transpostos para escrita.

Dessa forma, tendo em vista essas questões, este trabalho tem por objetivo principal propor atividades acerca do fenômeno fonético-fonológico da *monotongação*, que possam auxiliar aos docentes e discentes na escrita dos ditongos que podem monotongar. Essas atividades foram propostas pensando no Ensino Fundamental II (segunda fase) e no Ensino Médio, mas também podem ser utilizadas no segundo ciclo da Educação de Jovens e Adultos.

Para conseguir tal intento, a *monotongação* necessita ser compreendida não só em relação aos fatores intrínsecos, isto é, estruturais à língua que motivam a sua ocorrência, mas também às questões que vão além da estrutura, os fatores extralinguísticos. Assim, é importante realizar uma reflexão da Língua Materna (LM) e seus usos através da teoria da sociolinguística variacionista (WEINREICH; LABOV;

¹ Os termos glide e semivogal são sinônimos, por isso os utilizaremos indistintamente.

HERZOG, 2006; LABOV, e a contribuição que essa teoria dispõe para o ensino de LM.

Uma reflexão minuciosa em torno da *monotongação* pela perspectiva da teoria da sociolinguística proporcionará verificar a frequência de os ditongos, principalmente, os decrescentes, se realizarem como monotongos e quais os fatores que favorecem esse processo. Sendo este, portanto, um dos nossos objetivos específicos, identificar, através de estudos variacionistas sobre a monotongação, os contextos de ocorrência na fala e, conseqüentemente, possível contexto para seu reflexo na escrita.

Outro objetivo específico que levantamos é, a partir de trabalhos variacionistas sobre a monotongação na escrita, identificar a recorrência nos textos dos alunos, explicitando, assim, a necessidade de o docente propor ações para trabalhar com os discentes.

Quanto a isso, a nossa hipótese é de que devido à monotongação ser frequente na fala e, por consequência, passar à escrita, é necessário propor atividades que propiciem a identificação do fenômeno e de seu uso, com apoio de fonte especializada, para servirem de auxílio no trabalho desse processo na escrita.

Para facilitar o estudo e cumprir com a proposta apresentada, nosso trabalho foi organizado da seguinte maneira:

No primeiro capítulo, apresentamos a Teoria Sociolinguística Variacionista (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006; LABOV, 2008) e suas contribuições para o ensino e aprendizagem a partir de uma concepção que leva em consideração o uso da língua (MOLLICA, 2008; BAGNO, 2008; COELHO, 2010).

No segundo capítulo, propomos uma discussão sobre a conceituação e a classificação da Sílabas, do Ditongo e do fenômeno da Monotongação e, em seguida, observamos a relação do fenômeno da *monotongação* na fala e na escrita (CAMARA JR., 2004; HORA, 2009; MACHADO, 2012).

No terceiro e último capítulo, vamos apresentar as propostas de atividades para sanar o fenômeno da *monotongação*, privilegiando questões contextualizadas aliadas aos estudos de análise linguística.

Nas considerações finais, serão retomados os tópicos principais que foram discutidos no trabalho, assim como serão apresentadas algumas considerações a que chegamos.

E, por fim, seguem as referências que serviram de base para o nosso trabalho.

1. SOB O OLHAR DA SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA

Com o propósito de mapear o uso do fenômeno da *monotongação* na fala e o seu reflexo na escrita, utilizaremos-nos da perspectiva da sociolinguística laboviana (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006, p. 39), cuja trajetória teórica vai de encontro aos estudos formalistas estruturalistas e gerativistas, que focalizam os aspectos linguísticos homogêneos. É no contexto teórico da sociolinguística que surgem as pesquisas dos fenômenos variáveis na fala, a exemplo do fenômeno de *monotongação*, e, por isso, trazem muitas contribuições, inclusive, ao ensino da língua. Para tanto, primeiramente, discutiremos sobre a Teoria Sociolinguística e, na sequência, sobre as contribuições dessa teoria para o ensino da língua.

1.1 – SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA

A teoria da sociolinguística pode ser compreendida como uma perspectiva que se contrapõe às teorias de sistemas homogêneos, cuja premissa, em linhas gerais, se sustenta na impossibilidade de relacionar a variabilidade da língua com sua sistematicidade. Essa perspectiva foi intensamente adotada por Herman Paul e por seguidores de Saussure, nos estudos de Linguística do século XIX. Paul associa a manifestação da língua a um processo psíquico e homogêneo, de caráter interno e, objetiva o isolamento do indivíduo, como o principal meio de alcançar a totalidade dessas imagens linguísticas no inconsciente do ser. (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006, p. 40).

Vemos, portanto, nos estudos sociolinguísticos, uma quebra dessa perspectiva homogênea e na limitação imposta à língua, trazendo para a linguística um enfoque coletivo que a coloca em uma posição de objeto social, cujas mudanças estão intrinsecamente relacionadas aos fatores sociais.

A sociolinguística dá nova força empírica ao princípio de que a mudança não se dá por mera substituição discreta de um elemento por outro, mas que o processo histórico, pressupondo sempre um quadro sincrônico de variação, envolve fases em que as variantes coexistem, ao caso da qual uma termina por vencer a outra, podendo – por vicissitudes do processo – subsistirem áreas sociais e/ou geográficas em que a mudança não se dá. (FARACO, 1991, p. 58)

As palavras de Faraco nos leva a concluir que a teoria sociolinguística trata-se de um estudo empírico que parte dos processos históricos em que variantes coexistem em uma comunidade de falantes, e, por meio de um estudo sincrônico, percebe-se que, em dado momento, uma variante, em certo grau, pode acabar superando a outra.

Apesar de Labov ser considerado o precursor dessa concepção teórico-metodológica, mas é preciso reforçar que Meillet, discípulo de Saussure, já apresenta um novo olhar sobre a linguística:

Para Saussure, a língua é elaborada pela comunidade, é somente nela que ela é social, enquanto, já vimos, Meillet dá à noção de *fato social* um conteúdo muito mais preciso e muito durkheimiano (aliás, ele colaborou regularmente com a revista dirigida por Durkheim, *L'Année sociologique*). De fato, enquanto Saussure distingue cuidadosamente estrutura de história, Meillet quer uni-las. Enquanto o empreendimento do linguista suíço é essencialmente terminológico (ele tenta elaborar o vocabulário da linguística para embasar teoricamente esta ciência), o de Meillet é programático: ele não deixa de *desejar* que se leve em conta o caráter social da língua. (CALVET, 2002, pp. 16-17)

Por meio desse valor, de que trata Meillet, que coloca a língua como fato e artefato da história e do meio social, Labov insere a teoria da sociolinguística variacionista, que corresponde ao estudo das mudanças dos comportamentos linguísticos, percebendo que estas acontecem “rapidamente à medida que muda a posição social do falante. Essa maleabilidade da língua sustenta sua grande utilidade como indicador de mudança social.” (LABOV, 2008, p. 140).

Essa perspectiva alia língua e sociedade, pois coloca essa primeira como um elemento social, percebida em seu uso real, “tal como usada na vida diária por membros da ordem social.” (LABOV, 2008, P. 13). Ao averiguar a língua em seu estado de comunicação real, observa-se a íntima relação entre estruturas linguísticas e pontos culturais e sociais na produção linguística. Esse reconhecimento permite-nos supor que considerar a língua em uma situação real é levar em conta também que variação e mudanças são fenômenos intrínsecos a ela, visto que, quando usada por falantes diversificados, submetidos a comunidades sociais distintas, a língua se fundamenta de formas diversas, dependendo do meio em que está sendo usada.

Mas a análise não para em estratos sociais diferentes e suas variações, também parte do princípio da variação inerente a um grupo social apenas. A grande problemática do método de Labov evidencia esse outro ponto, partindo do questionamento: “Se o

caos aparente, se a heterogeneidade não pudessem ser sistematizados, como então justificar que tal diversificação linguística entre os membros de uma comunidade não os impede de se entenderem, de se comunicarem?” (TARALLO, 1990, p. 06). Tarallo afirma que o estudo teórico de Labov utiliza exatamente o “caos” linguístico como objeto da sua pesquisa.

Em outras palavras, ao molde laboviano, a variação da linguística é uma condição natural do sistema da língua, e essas transformações não são inesperadas nem acidentais, mas estão diretamente ligadas a fatores sociais. Se não se configuram como elementos aleatórios, significa então que as variações possuem estruturas e mecanismos condicionados à língua pela conjuntura cultural e social a que o falante se insere, levando em conta não apenas os fatores psíquicos e individuais deste, mas, sobretudo, os externos que o configuram.

De acordo com Weinreich, Labov e Herzog (2006), esse método tem a função de romper com a identificação da estruturalidade da língua com a homogeneidade, e, no lugar disso, apresentar “a possibilidade de descrever a diferenciação ordenada dentro da língua”, (WEINREICH, LABOV, HERZOG, 2006, p. 88), é o que esses estudiosos denominam de *sistema ordenadamente heterogêneo*.

Para esses linguistas, é um equívoco partir da premissa de que a sistematicidade de uma língua viva está pautada em uma perspectiva homogênea. Por isso, essa construção teórica tem como ponto de partida: “(1) estratos discretos, coexistentes [...] funcionalmente diferenciados e conjuntamente disponíveis para uma comunidade de fala; e (2) variáveis intrínsecas, definidas por co-variação com elementos linguísticos e extralinguísticos.” (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006, p. 123).

Levando em consideração esses dois aspectos, pode-se dizer que são vários os fatores que regulam as escolhas das variantes, a saber, contexto social, sexo, idade, profissão, posição social, grau de escolaridade, dentre outros elementos sociais que estão intimamente ligados a idiosincrasias que acontecem dentro de um tempo e espaço e refletem diretamente na língua.

Assim, a Sociolinguística Variacionista tem por base promover uma análise estatística destes fenômenos variáveis, a partir de um levantamento de números e dados (e por isso é também conhecida como sociolinguística quantitativa), buscando perceber o quanto e quais as interferências de fatores linguísticos e extralinguísticos são responsáveis pela fundamentação dessas variantes.

No Brasil, a Sociolinguística assume um papel interventor na concepção de estudo da língua e, sobretudo, na manutenção da chamada “norma culta”. O método laboviano torna-se foco de discursos acadêmicos e é, contraditoriamente, posto na posição de princípio determinante para uma padronização linguística no Brasil, denominada Sociolinguística aplicada.

A expressão sociolinguística aplicada recobre as discussões de linguistas que se propõem a utilizar conceitos, métodos e resultados das pesquisas sociolinguísticas variacionistas como fundamentos de propostas para reformar as políticas linguísticas e o ensino de língua na educação básica. (SANTOS, 2018, p. 689)

Diante disso, é inevitável o estabelecimento de um padrão linguístico nacional, que garanta o uso real da língua, determinado pelo estudo extraído da fala de pessoas eventualmente cultas. Esse processo metodológico, usado pelos sociolinguistas aplicados e pela dialetologia, acabou por precisar uma língua culta, cujas possibilidades atuam no campo do real, e descarta uma língua padrão, apontada pelos estudiosos como uma língua artificial e idealizada, por ser construída artificialmente e não ser natural de um falante. Deixa-se, então, de lado a uniformização por uma norma padrão irreal e distante do uso linguístico.

1.2 – VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

Levando em consideração o tema abordado aqui até então, reforçamos a ideia de que a sociolinguística aponta a língua como:

Um objeto intrinsecamente ligado à realidade social, histórica e cultural de seus falantes [...] uma dinâmica intimamente correlacionada com as atividades dos falantes — isto é, as mudanças emergem da realidade linguística heterogênea que está ligada à heterogeneidade social, histórica, cultural de seus falantes. (FARACO, 2007, p. 103)

Portanto, a sociedade assume um papel vigoroso e orgânico acerca das mudanças linguísticas e a língua posiciona-se como marco natural desses momentos históricos de determinado espaço ou comunidade.

O português, assim como “toda e qualquer língua é um conjunto heterogêneo de variedade” (FARACO, 2007, p.31), e, por isso, suas transformações ultrapassam a

operacionalização do falante de modo a “ampliar a dimensão dos aspectos lingüísticos, pela inclusão dos aspectos sociais relacionados com os aspectos lingüísticos ou a atividade lingüística” (COSTA, 2012, p.05).

Apropriando-se dessa heterogeneidade da língua, Bagno (2008) articula algumas concepções, segundo o campo da sociolinguística, e apresenta três níveis lingüísticos em sua reflexão: o da norma-padrão, o conjunto das variedades prestigiadas e, por último, o conjunto das variedades estigmatizadas. Nessa perspectiva, a norma padrão é a chamada forma “certa”, idealizada, descrita e prescrita pela tradição gramatical normativa; enquanto o conjunto das variedades prestigiadas constitui a fala utilizada pelos que ocupam a classe alta da sociedade. Quanto as chamadas *variedades estigmatizadas*, são aquelas faladas pelos demais grupos sociais, que totaliza a maior parte da população, “seja nas zonas rurais, seja nas periferias e zonas degradadas[...] onde vivem os brasileiros mais pobres, com menor acesso à escolarização de qualidade” (BAGNO, 2008, p.12).

Esses planos de uso da língua são constituídos por essa análise empírica dos processos de variação dentro do meio social, caracterizando níveis de falantes, de acordo com suas marcas lingüísticas. Para Labov (2008) os fatores que, provavelmente, envolvem e explicam as mudanças lingüísticas são três: “a origem das variações lingüísticas; a difusão e propagação das mudanças lingüísticas; e a regularidade da mudança lingüística.” (p.19). Acrescenta ainda que a representação dessa tripartição é vista a partir da variação lingüística que ocorre em uma ou mais pessoas.

Todavia, esse sistema heterogêneo da língua também constitui uma sistematização nas variedades lingüísticas. Consoante Cunha e Cintra (2004), as variações internas à língua podem ser: Variações Diatópicas, que são as diferenças presentes no espaço geográfico representado nos falares locais, intercontinentais e variedades regionais; Variações Diastráticas, caracterizadas a partir das diferenças socioculturais (nível culto, nível popular, língua padrão etc.); e Variações Diafásicas, que estão presentes nos diferentes tipos de modalidades expressivas (linguagens especiais, linguagem das mulheres, língua literária, língua escrita, língua falada etc.). Gorski e Coelho (2009) reforçam que a sociolinguística costuma distribuir as variações e descrevê-las pelos seguintes tipos: “variação regional ou geográfica, variação social e variação estilística”, que correspondem aos tipos mencionados por Cunha e Cintra (2004).

Com o intuito de exemplificar, Coelho et al. (2015, p. 25) utilizam o fenômeno do rotacismo de /l/ - /r/ em grupos consonantais formados por segmento líquido, que tanto pode ser enquadrado no campo das variações diatópicas, por ter como determinante o valor regional, como também na análise a partir de variações diastráticas, tendo em vista que a localidade pode determinar o nível de escolaridade e conhecimento da norma culta.

Documentado como caráter diafásico, há o fenômeno de simplificação por assimilação do morfema do gerúndio *-ndo* em *-no* usual no português coloquial, com ocorrência documental mesmo entre os falantes que possuem um grau elevado de escolaridade, marcando um ritmo mais acelerado da fala em comunicação espontânea.

Segundo Mollica (2009), existem duas áreas de investigações das variações linguísticas: macro e micro. As investigações macro consistem em tratar as “variáveis independentes do conhecimento mais profundo, por parte do pesquisador, dos dados em análise.” (MOLLICA, 2009, p.08). Consoante Labov (1972 *apud* Mollica 2009), a linha de pesquisa macro se configura com as correlações de parâmetros sociais: idade, nível de renda, escolarização e classe social, enquanto a linha de pesquisa micro considera as possíveis descrições etnográficas e as situações específicas dentro dos diferentes “atos de fala”. Desta forma, Chambers (1955 *apud* Mollica, 2009) ressalta que a análise necessita de um pesquisador-participante, pois se envolve e descreve as estratégias utilizadas pelos falantes para encaixar-se em determinadas “estruturas de participação”. Nessa perspectiva, a linguagem é tida como elemento revelador das relações em grupos e indivíduos, diante dos próprios discursos marcados pragmaticamente.

Esses valores são percebidos, sobretudo, nos processos de ensino-aprendizagem, quando posta em prática a aplicação do uso e do estudo da língua nas escolas. Nesse sentido, trona-se imprescindível discutir a problemática do ensino da língua, tendo em vista a variabilidade linguística.

Consoante os Parâmetros Curriculares Nacionais da Língua Portuguesa (1998), o ensino da língua é indispensável no conjunto de competências necessárias para um indivíduo em seu constructo social. O currículo considera que o domínio da linguagem e o domínio da língua são oportunidades de integração social para o discente. Dessa forma, afirma que o ensino “comprometido com a democratização social e cultural atribui à escola a função e a responsabilidade de contribuir para garantir a todos os alunos o acesso aos saberes linguísticos necessários para o exercício da cidadania.” (BRASIL, 1998, p.19).

Portanto, um dos objetivos do PCN (1997), para o desenvolvimento da competência discursiva, consiste em capacitar os discentes a como adequar a própria fala, considerando o seu contexto social, o momento e circunstância em que ocorre a comunicação e “saber, portanto, quais variedades e registros da língua oral são pertinentes em função da intenção comunicativa, do contexto e dos interlocutores a quem o texto se dirige.” (BRASIL, 1997, p.26).

Logo, o documento oficial referido, anteriormente, propõe um ensino de língua considerando suas variedades e registros, articulando-a “em função da intenção comunicativa, do contexto e dos interlocutores a quem o texto se dirige” (BRASIL, 1997).

Consoante Antunes (2007), para lidar com a gramática e a língua é preciso apreciar a recriação desta em meio a cada ocorrência que “a gramática varia”, e a cada vez que ela submete-se às circunstâncias de uso e articula-se diante das variantes de fala do outro.

Sobre um ensino com essa concepção de prática sociocomunicativa em sala de aula, a Base Nacional Curricular ratifica a necessidade de se refletir sobre as variações linguísticas e os fenômenos de transformações que ocorrem na linguística. Assim, é essencial gerar reflexões aos alunos acerca da importância da variação linguística, trazendo à tona os influxos desse fenômeno na língua, observando e reconhecendo as variedades de prestígio e as estigmatizadas, e relacionado-as à ideia de preconceitos sociais. (BRASIL, 2016).

O novo currículo nacional também acrescenta que cabe, ao componente de Língua Portuguesa, propiciar aos discentes a oportunidade de aprendizado que permita o desenvolvimento da leitura, escrita, interpretação e compreensão textual, aperfeiçoando-os para práticas sociais “permeadas/constituídas pela oralidade, pela escrita e por outras linguagens” (BRASIL, 2016, pp.67-68). Por conseguinte, sobre a variação linguística a BNCC (2016) propõe dentro do trabalho com o Eixo da Análise Linguística/Semiótica que se estabeleça, aos discentes, o conhecimento das variedades linguísticas presentes no português brasileiro, considerando sua ocorrência nas diferentes formas: “fonológicas, prosódicas, lexicais e sintáticas, avaliando seus efeitos semânticos.” (BRASIL, 2016, p.87).

Em breves palavras, como afirma Coelho (2010), a teoria da variação entende a estrutura e o desenvolvimento da língua considerando o “contexto social da comunidade

de fala, ou seja, é nesse espaço que se dá a interação entre língua e sociedade.” (COELHO, 2010, p.37). Compreendo essa realidade, os documentos oficiais educacionais reafirmam a necessidade de se trabalhar e reconhecer as variedades da língua falada e de retomar o conceito de norma, principalmente a padrão, e o de preconceito linguístico, como reflexo de um julgamento social sobre o uso da língua.

2. PROCESSO DE FORMAÇÃO E IDENTIFICAÇÃO DE MONOTONGOS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Neste capítulo forneceremos elementos para identificar o processo da *monotongação* no PB. Para tanto, faremos uma breve explanação sobre a sílaba, sobre o ditongo (crescente e decrescente) e, na sequência, sobre o processo variável de monotongação tanto na fala quanto seu reflexo na escrita.

2.1 – SÍLABA

Para se ter uma compreensão da formação do ditongo no Português Brasileiro (PB), é indispensável, antes de tudo, tratar da sílaba, cuja estrutura é formada por um ataque, de onde se inicia uma fase crescente de força sonora até atingir um ápice, que é o centro/núcleo da sílaba, e de uma fase decrescente de força, denominada de coda, como assevera Câmara Jr. (2004, p.52):

De todos esses pontos de vista, resulta como denominador comum um movimento de ascensão, ou crescente, culminando num ápice (o centro silábico) e seguido de um movimento de decrescente, quer se trate do efeito auditivo, da força expiratória ou da tensão muscular, focalizados nessas diversas teorias. Por isso é normalmente a vogal, como um som vocal mais sonoro, de maior força expiratória, de articulação mais aberta e de mais firme tensão muscular, que funciona em todas as línguas como centro de sílaba, embora algumas consoantes, particularmente as que chamamos «sonantes», não estejam necessariamente excluídas dessa posição.

Nessa vertente, o autor apresenta as condições necessárias para abranger a conceituação da sílaba, dando ênfase à classificação a partir de estudos relacionados à fonética articulatória, sem desprezar os estudos ligados à fonética acústica e à fonética auditiva.

Ainda, acerca desses estudos, é crucial destacar o conhecimento em torno do número de sílabas na estrutura da palavra pelo falante nativo de uma língua. Como vejamos em Hora (2012, sp):

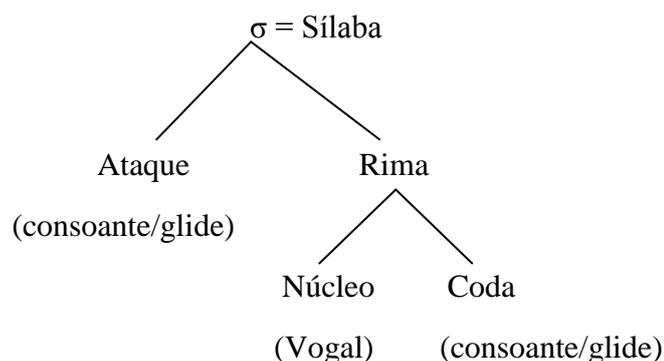
Ao identificar o número de sílabas, o falante está demonstrando seu conhecimento acerca da arquitetura envolvida na sua realização. De um ponto de vista fonético, cada sílaba tem um pico de sonoridade, isto é, um segmento que é mais sonoro do que o outro. Logo, a sonoridade é uma propriedade relativa. Em termos auditivos, o pico de sonoridade é mais proeminente do que os segmentos vizinhos, e forma o elemento silábico. No caso do português, por exemplo, as vogais são inerentemente mais sonoras do que as consoantes e só elas constituem o pico silábico.

De fato, a sonoridade de uma sílaba não é absoluta, existindo, assim, uma particularidade entre as sílabas, no tocante ao ponto mais sonoro em sua estrutura. Por sua vez, a vogal assume um papel principal em relação aos demais segmentos que formam o sistema silábico do Português.

Na verdade, o protagonismo da vogal na estrutura da sílaba, permite refletir sobre sua importância na identificação e/ou na classificação das sílabas no Português. Descreve Machado (2012, p.163), “Dessas categorias, a única que tem que ser obrigatoriamente preenchida é o núcleo, que no português é ocupado, exclusivamente, por uma vogal”. Desta forma, efetivando-se, assim, a vogal no posto mais alto na disposição dos segmentos na constituição silábica.

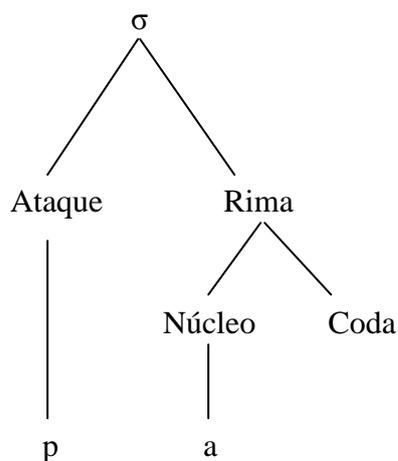
Ao observar a sílaba numa perspectiva não linear e hierárquica, segundo a proposta de Selkirk (1982), o núcleo (N) e a coda (Co) são uma subdivisão da rima (R). Assim, ataque (A) e rima (R) estariam em um mesmo nível hierárquico e o núcleo (N) e a coda (Co) em outro nível. Nessa perspectiva, a sílaba é descrita através de um diagrama arbóreo. Como já discutido, no PB, obrigatoriamente, o núcleo vai ser ocupado por uma vogal e tanto o ataque quanto a coda serão ocupados por consoantes e/ou glides, conforme o diagrama (1):

(1)

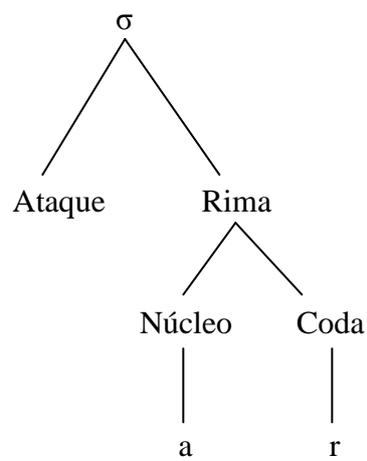


É posto, ainda, que nem todas as sílabas do Português são ocupadas plenamente conforme o diagrama (1), já que o único elemento obrigatório é o núcleo. Como em ‘pá’, que somente o ataque (A) e o núcleo (N) são ocupados, ou como em ‘ar’, em que somente o núcleo (N) e a coda (C) são preenchidos, conforme os diagramas 2 e 3, a seguir.

(2)



(3)



Em outras palavras, no Português, existe a possibilidade da estrutura silábica ser apenas preenchida pelo núcleo; pelo ataque e o núcleo; e pelo núcleo e a coda. É importante mencionar que há também as formações complexas. Essas formações complexas tratam-se da constituição do ataque/coda por dois segmentos, como em: ‘planta’, ‘água’ (ataque complexo), ‘dois’, ‘monstro’ (coda complexa), e ‘transporte’ (ataque e coda complexos).

Com isso, tratamos sobre a sílaba e sua estrutura esquematizada nos diagramas, cuja explicação vai ser de grande importância para entender a formação dos ditongos do PB.

2.2 - DITONGO

Como lembra Hora (2009, sp), a gramática tradicional, em geral, define os ditongos como o encontro de uma vogal mais uma semivogal (vice-versa), na mesma sílaba. Nesse contexto, os ditongos podem ser classificados em crescente (quando há uma semivogal, e logo em seguida uma vogal), e decrescentes (quando há uma vogal que antecede a semivogal na mesma sílaba).

De outro lado, afirma Hora (2009, sp), a Linguística, descreve o ditongo como o encontro sequencial de dois segmentos vocálicos na mesma sílaba. E, com isso, os segmentos vocálicos assumem uma mudança na sua produção, por conseguinte, altera seu timbre, permitindo verificar e distinguir as vogais da semivogal ou glide. No entanto, existem outras questões que merecem uma atenção especial.

Como lembra Mattoso (2004), a definição de ditongo, não é tão simples, na organização da sílaba no Português, em virtudes das constantes discussões em torno da proeminência da vogal na fala, permitindo em determinadas ocasiões particulares o *status* de uma semivogal ou glide a vogal, assim, surgem divergências na interpretação do ditongo e/ou do hiato.

Nesse viés, vale lembrar, que os ditongos são encontro de dois segmentos vocálicos na mesma sílaba, ao contrário, do hiato, que são a sequência de duas vogais em sílabas diferentes. Nem por isso, a distinção entre ditongo e hiato é uma tarefa fácil, como demonstra Hora (2009, sp):

Há também uma discussão sobre a existência e classificação dos ditongos na Língua Portuguesa. Muitos linguistas (dentre eles Câmara Jr., Leda Bisol) consideram que os verdadeiros ditongos são decrescentes (formados por uma vogal + semivogal); eles defendem que os ditongos crescentes (semivogal + vogal) não existem na subjacência e, portanto, podem variar livremente com o hiato (...).

Diante do exposto, fica clara, a importância de estudos detalhados no que concerne não só a classificação e definição dos ditongos, assim como de discussão sobre a existência ou não dos ditongos considerados crescentes no português.

Nota-se que essa divergência, na realização fonética, gera consequências desastrosas no ensino e na aprendizagem formal, pois pode dar outra direção errada na classificação gramatical, inclusive nas noções basilares, quanto ao número de sílabas de uma palavra. Como afirma Machado (2012, p.166)

É o caso de certa irregularidade na realidade fonética de alguns encontros vocálicos (como o *ia* de história, o *ie* de série, o *io* de pátio, o *ua* de árduo, o *eu* de tênue e o *uo* de vácuo), que ora podem ser compreendidos como ditongo, ora como hiato (e, até mesmo, como vogal simples). Isso se deve, especialmente, a sonoridade discutível desses encontros, que, sendo variável, torna controversa e confusa a sua classificação.

A respeito de ensino e aprendizagem, usando como condição prévia os apontamentos em relação à inconsistência na existência do ditongo crescente, nos estudos da autora, fica evidente, que debates e estudos complementares sobre o assunto são de extrema importância para descartar qualquer divergência em torno da teoria.

Já o ditongo decrescente apresenta uma maior consistência. Segundo Hora (2009, sp), “Muitos linguistas (dentre eles Câmara Jr., Leda Bisol) consideram que os verdadeiros ditongos são os decrescentes [...]; eles defendem que os ditongos crescentes [...] não existem na subjacência e, portanto, podem variar livremente com o hiato [...]”

O autor reforça que o ditongo decrescente é denominado de fonológico, e pode ser leve ou pesado. O ditongo leve é aquele que pode sofrer o processo de monotongação, enquanto que atifica a necessidade do aumento das pesquisas sobre o assunto.

Vê-se a importância do estudo da conceituação e classificação dos ditongos a partir das correntes linguísticas e da GT, para na próxima seção entender o fenômeno da *monotongação*.

2.3 - MONOTONGAÇÃO

Como foi tratado, anteriormente, o ditongo na linguística é o encontro de dois segmentos vocálicos, sendo um deles a vogal e outro pode ser realizado como semivogal ou glide.

Não obstante, a formação do ditongo é descaracterizada fonologicamente pelo apagamento da glide, nos ditongos decrescentes, em sua grande maioria, transformando-o, assim, em monotongos, como expresso em Hora (2009, n.p):

Alguns ditongos decrescentes, entretanto, sofrem variação e podem ser realizados como uma única vogal na fala, quando ocorre o processo de monotongação. A monotongação diz respeito a um

processo de redução de um ditongo a um monotongo (uma vogal que não muda de qualidade na sua realização). Em outras palavras, ocorre monotongação quando um ditongo (vogal + glide) é realizado como uma vogal simples, ou seja, a semivogal da sequência é apagada.

Como foi dito, verifica-se, uma fragilidade nos casos em que ocorrem o ditongo decrescente, surgindo assim uma vogal simples, fator preponderante para o processo de *monotongação*. A esse respeito, é importante destacar as mudanças dos ditongos na linha do tempo, bem como suas transformações num determinado momento, independente de parâmetros temporais. Como, expõe Machado (2012, p.172):

[...] pode-se se verificar a monotongação tanto em estudos diacrônicos, que observam a passagem do latim para as línguas românticas, como nos estudos sincrônicos que investigam os atuais falares de diversas localidades do Português do Brasil.

E, na continuidade, tratando especificamente da *monotongação* no português brasileiro, afirma Machado (2012, p.173) que:

Quando se trata do comportamento do processo de monotongação nos dialetos do português brasileiro, fica clara a realização praticamente categórica de redução do ditongo [ow] para [o], denotando uma convenção meramente escrita, nos dias atuais, em manter a forma ditongada (ex: besouro ~ bes [o] ro; outro ~ [o] tro; vou ~ v [o]; etc). Essa redução, inclusive, não é nova na língua – data de séculos atrás – e é considerada pelos estudiosos da Sociolinguística como uma mudança linguística em progresso, que se encontra em estágio avançado e está praticamente estabilizada entre os falantes, independentemente de seu contexto social.

Assim, entendemos que a redução em [ow] para [o] é um fenômeno ratificado pela Sociolinguística como mudança linguística em progresso, ou seja, um processo quase categórico na fala. Além dessa ocorrência, podemos complementar também com o apagamento do glide em: [ay] para [a], e em [ey] para [e]. Representado no exemplo (1):

(1) c [ay] xa ~ c [a] xa

f [ay] xa ~ f [a] xa

f [ey] ra ~ f [a] Ra

b [ey] jo ~ b [e] jo

Com base no exemplo (1), percebemos que, no primeiro caso do apagamento de [ow] para [o], [ay] para [a] e [ey] para [e], em todas as situações de monotongação há características bastante idênticas, pois os segmentos /Σ/ e /r/, que vêm logo em seguida ao ditongo, mostram-se como favorecedores ao processo. Os casos mais frequentes na monotongação acontecem na forma do ditongo decrescente, sejam orais (cantou: cant[ow] ~ cant[o]) ou nasais (cantaram: cantar[ãw] ~ cantar[u]), embora existam casos peculiares que podem ocorrer na forma do ditongo crescente em [ye] de série e em [ya] de paciência.

De acordo com Machado (2012, p. 173), ratifica-se que, “Em geral, observa-se que há uma tendência ao enfraquecimento da segunda vogal, pois é mais débil em termos sonoros, a que, pela estruturação da língua, está mais passível a apagar”. Desta forma, a autora confirma a tendência maior do fenômeno nos ditongos decrescentes.

Dessa forma, confirma-se que mais importante que os contextos linguísticos e extralinguísticos no processo de monotongação é o status do ditongo, ou seja, se ele é fonológico (decrescente) ou não (crescente), conforme assevera Machado (2012, p.173):

Quando se analisa os fatores intervenientes na redução desses ditongos, conclui-se que independente de contexto fonológico seguinte, tonicidade da sílaba ou grau de instrução do falante, o que determina se ocorrerá, ou não, o apagamento do glide é o status fonológico desse ditongo.

Obviamente, é importante ressaltar que mesmo os ditongos fonológicos, estes podem apresentar casos em que os ditongos não podem sofrer o apagamento do glide, em virtude da forma não ocorrer no PB ou de gerar outra forma existente na língua, mas não variante do mesmo item: meiga → m[ey]ga ≠ *m[e]ga (forma inexistente); pai → p[ay] ≠ p[a] (forma existente, mas não variante com pai).

É bem verdade, que a língua está em constante transformação e a forma não aceita hoje PB, pode ser aceitável amanhã. Assim, essas variações se estabelecem:

Conforme a língua, conforme a época ou os grupos sociais, conforme o contexto apresente tal ou qual objetivo específico, vê-se dominar ora uma forma, ora outra, ora uma variante, ora outra. Destarte, a efetivação da mutação da língua depende de fatores externos. (Bakhtin 1988[1929], p.147 apud COELHO, 2010, p.16)

Fica nítido que a língua se encontra em constante mudança, cujo uso varia de acordo com a época e com os grupos sociais. Essa transformação, naturalmente, se reflete na escrita, mas, nesse nível há uma língua registrada, o que gera outras discussões sobre sua ocorrência.

Em oposição à fala, a monotongação na escrita não ocorre com tanta frequência, já que a atividade da escrita requer maior atenção por parte dos escreventes, cujo emprego da língua, na produção textual, é acompanhado de maior formalidade e rigor. Por isso, não se dispensa o cuidado com os casos de *monotongação* que são transpostos para escrita. Em vista disso, é fundamental, na escrita a reflexão em torno de componentes básicos da produção textual, como destaca Vieira (2009, p.77):

Nas atividades de produção textual, é de fundamental importância que o professor conduza o trabalho – nas fases de planejamento, execução e revisão dos textos – de modo a instrumentalizar o aluno quanto às variantes linguísticas a empregar em cada gênero textual e em cada situação sociocomunicativa a que o texto se relacione.

Essas condições, na verdade, ajudam o indivíduo a identificar as variantes linguísticas e empregá-las nas diversas instâncias sociocomunicativas e, inclusive, a evitá-las no caso da escrita, principalmente, formal. No caso da *monotongação*, é necessário verificar as causas do processo da monotongação não só na fala, mas também na escrita. Na ocasião específica, o fenômeno vai ser identificado com o auxílio de indicadores, como demonstra Coelho (2010, p.34):

Entre os indicadores podemos inserir, por exemplo, a monotongação dos ditongos /ey/ e /ow/ no português falado atual, em palavras como peixe/peixe, feijão/feijão, couve/couve, couro/couro – isenta de valor social e estilístico. (COELHO, 2010, p. 34).

Os indicadores, como elementos linguísticos que são, permitem verificar o fenômeno da monotongação com seus traços socialmente divididos em camadas, entretanto, não tem força para impor valor social e estilístico.

Como vimos, na escrita, ao contrário da fala, a *monotongação* não ocorre com tanta frequência. No entanto, esses dados não obstam a necessidade de elaborar estratégias para sanar o apagamento do glide nessa modalidade. Por isso, no próximo capítulo, vamos apresentar algumas estratégias pedagógicas de identificação e

apreensão fonológica do processo de *monotongaço*, buscando, dessa forma, meios de minimizar a sua frequência de apagamento na escrita.

3. MONOTONGAÇÃO EM SALA DE AULA: ALGUMAS ATIVIDADES

Até esse momento do trabalho, foram tecidas algumas reflexões, no que concerne à conceituação, classificação, estruturação e identificação do fenômeno da *monotongação* com suas causas e frequências. Agora, podemos guiar essa discussão ao nível prático evidenciando métodos e procedimentos pedagógicos com a intenção de sanar a recorrência da *monotongação*, ou até mesmo, produzir uma compreensão no indivíduo acerca da variação produzida pelo uso da língua em seu valor oral e em sua função escrita.

A tarefa de elaborar atividades com propósito de cessar o apagamento do glide nos ditongos em sala de aula não é tão fácil, pois requer, em princípio, uma rigidez na imposição da norma culta/padrão na escrita. Por isso, torna-se indispensável, uma reflexão a respeito dos questionamentos sobre o tema, como apresenta Vieira (2013, p. 65):

Como contemplar, em sala de aula, a diversidade linguística expressa nas normas de uso que se figuram na percepção e na produção de nossos estudantes? Como contemplar as diversas variedades, sem desmerecer as trazidas pelos alunos, nem a elas se limitar? Como trabalhar as variantes linguísticas sem desconsiderar um dos objetivos maiores do ensino de língua portuguesa, o de desenvolver a competência de leitura e produção textual – em toda sua diversidade de tipos, gêneros, variedades e modalidades, consoante as possíveis situações sociocomunicativas?

Em primeiro lugar, não é permitido eleger uma variedade linguística como padrão, e ignorar as características trazidas pelos alunos de casa, sem ficar preso a esse estereótipo. Sobre isso,

[...] cabe ao linguista assumir o seu papel, que não é apenas o de combater – sem mais – a atitude prescritivista. Ele é quem sabe, em cada caso de “desvio” (na verdade, de variação), refletir sobre o que ocorre, e, assim, não lhe é lícito deixar o campo para quem venha responder a essa necessidade alheando de compromisso com a ciência linguística. O importante é que, com isso, vai-se inverter a direção: vai-se partir dos usos (explica-los, do ponto de vista linguístico, que é o da ação, e do ponto de vista sociocultural, que é o da valoração), e daí é que há de surgir, naturalmente, a norma (ou as normas), não da autoridade de quem quer que seja, coloque-se no passado ou no

presente essa fonte de autoridade (NEVES, 2003, p.55 *apud*. VIEIRA, 2009, p. 87).

Lidar com a variação linguística em sala de aula é uma tarefa árdua e, em muitos casos, confusa, mas, diante do “desafio”, o professor deve assumir o seu papel de mediador e condutor dos discentes nas diversas situações de uso e aplicação da língua. Como relata Vieira (2013, p.77):

[...] é de fundamental importância que o professor conduza o trabalho – nas fases planejadas, execução e revisão dos textos – de modo a instrumentalizar o aluno quanto às variantes linguísticas a empregar em cada gênero textual e em cada situação sociocomunicativa [...].

Diante dessas observações, no próximo tópico, vamos nos deter a propor atividades que permitam ao discente refletir sobre a escrita dos ditongos, proporcionando a consciência de que na fala há uma frequência de uso da *monotongação*, mas que, na escrita, esse processo deve ser evitado.

3.1 - EXERCÍCIOS PARA TRABALHAR A MONOTONGAÇÃO NA ESCRITA

A preparação de exercícios voltados para a assimilação dos fenômenos linguísticos sem menosprezar as características próprias dos alunos em decorrência da aquisição da LM requer um vigoroso empenho do docente na preparação, orientação e aplicação das atividades em sala de aula. São, por isso, requisitos mínimos dos docentes para reconhecer as particularidades dos discentes na elaboração dos enunciados. Sobre essa importância, relata Tavares (2013, p.96):

O processo de aquisição de língua se desenvolve como consequência das interações comunicativas em que se envolve o ser humano desde o seu nascimento. A cada troca comunicativa, as gramáticas individuais estão sujeitas a sofrer modificações pela inclusão de novas formas gramaticais, ou, ao menos, por alterações na frequência com que o indivíduo passa a optar por certa forma gramatical. Os padrões gramaticais emergem, portanto, da rede formada pela experiência de um indivíduo com a língua. Uma vez que a gramática de cada um passa por alterações à medida que as experiências vão se somando, quanto mais intensas e mais variadas forem as situações de uso a que for exposto o indivíduo, mais múltipla será sua gramática e maior será

sua destreza em ajustá-la conforme demandarem as situações comunicativas de diversas ordens – orais e escritas, mais e menos formais e envolvendo gêneros textuais variados. (cf.TAVARES, 2007; TAVARES; GÖRSKI, 2006, p.96)

Aliados às orientações da autora, agora, vamos propor um conjunto de atividades com o objetivo de sanar o fenômeno da *monotongação* na escrita, processo refletido da variação na fala.

As atividades aqui propostas foram baseadas nos resultados dos trabalhos variacionistas e estão voltadas ao Ensino Fundamental II e ao Ensino Médio. É importante salientar que elas focalizam o aspecto da microestrutura, mas não dispensam o trabalho com o texto. Ao contrário, reforçam a necessidade da escrita e reescrita de textos variados para aplicação dos conhecimentos consolidados a partir delas.

Como vimos, Câmara Jr. (2004, p. 52) assevera que “[...] a sílaba é uma divisão espontânea e profundamente sentida, na segunda articulação. Os seus tipos de estrutura marcam caracteristicamente as línguas. Não é, a bem dizer, o fonema, mas a sílaba que é a estrutura fonêmica elementar”. Por isso, é fundamental ao discente identificar a estrutura da sílaba para compreender o seu funcionamento e, conseqüentemente, a formação de um ditongo. Dessa forma, na primeira questão que elaboramos, solicitamos, após uma breve introdução do seria sílaba, a sua identificação, separando-as.

1. A sílaba é a união de um grupo de sons da língua que são produzidos em uma única emissão de voz. Diante dessa definição, separe as sílabas das palavras a seguir:

- A. Caixa
- B. Beijo
- C. Outro
- D. Roupa
- E. Freira

De posse dessa informação, ou seja, da identificação das sílabas, o aluno já consegue perceber que elas são formadas por estruturas diferentes e que podem ser preenchidas por vogal, consoante e semivogal/glide. Assim, segundo Pedrosa (2012, p. 73), “[...] o preenchimento da estrutura silábica se dá através da vogal (V) e da consoante (C) observando sua força na escala de sonoridade, então cada língua dispõe

de uma estrutura mínima e máxima de configuração[...]. Além disso, é importante salientar que, no português, o núcleo da sílaba será sempre preenchido por uma vogal. Dessa forma, faz-se importante levar o aluno a identificar as vogais nas palavras, relacionando-as a esse pico silábico e, conseqüentemente, ao número de sílabas das palavras.

2. Já vimos, em nossos estudos, que as vogais são mais sonoras do que as consoantes e do que as semivogais, por isso elas são capazes de, sozinhas, sustentarem uma sílaba. Dessa forma, com base nessa informação, identifique as vogais nas palavras abaixo:

- A. Feira
- B. Eira
- C. Bairro
- D. Meiga
- E. Ameixa

Após identificar a vogal na sílaba, em seguida, é possível apontar os demais elementos da estrutura silábica, se houver. Afirma Hora (2009, sp) que “As semivogais são vogais assilábicas, ou seja, elas ocupam a margem do núcleo silábico, pois não apresentam proeminência acentual para ser o centro da sílaba, como as vogais [...]”. Ao contrário das vogais, as semivogais têm tendência a serem mais frágeis. Por isso, o próximo passo a seguir é fazer com que o discente identifique também as semivogais, distinguindo-as das vogais e, conseqüentemente, identificando as particularidades de cada uma.

3. As semivogais, necessariamente, são menos sonoras que as vogais. Ciente disso, sublinhe a semivogal nas sílabas das palavras a seguir:

- A. Lei
- B. Pauta
- C. Pais
- D. Judeu
- E. Cadeira

Depois de reconhecer a vogal e a semivogal nas questões anteriores, agora, o aluno está apto a trabalhar o ditongo. Para Machado (2012, p.162), “O ditongo consiste

em um grupo de dois segmentos vocálicos pronunciados numa mesma sílaba sonora. É constituído de vogal e semivogal”.

4. O ditongo é o encontro de uma vogal + uma semivogal ou de uma semivogal + uma vogal na mesma sílaba. De posse dessa informação, indique o ditongo nas palavras a seguir, se houver:

- A. Água
- B. Saudade
- C. Ontem
- D. Sol
- E. Saúde

Logo após trabalhar a conceituação e examinar o ditongo, já podemos observar sua classificação junto aos discentes. De acordo com Hora (2009, sp), “Muitos linguistas (dentre eles Câmara Jr., Leda Bisol) consideram que os verdadeiros ditongos são os crescentes (formados por vogal + semivogal); eles defendem que os ditongos crescentes (semivogal + vogal) não existem na subjacência [...]”. Ainda assim, na GT, os ditongos são classificados em crescentes e decrescentes.

5. Sabemos que os ditongos são classificados em: crescente (semivogal + vogal) e decrescentes (vogal + semivogal). Com base nessa informação, classifique os ditongos a seguir em crescente e decrescente:

- A. Ameixa
- B. Pai
- C. Água
- D. Sequência
- E. Não

Com as informações já trabalhadas a respeito dos encontros vocálicos, é essencial, fazer a distinção entre o Hiato e o Ditongo. Hora (2009, sp) descreve que “[...] os ditongos[,] definem-se pela presença de uma vogal mais uma glide na sequência. [...], diferindo, portanto, do que se conhece por hiato, que são duas vogais em sequência [...], e estão em sílabas distintas [...]”. Apesar de parecer simples, é fundamental ao discente distinguir com propriedade o ditongo do hiato, principalmente porque é através dessa distinção que se poderá chegar à ideia de que o ditongo crescente pode alternar

livremente com o hiato, enquanto que o ditongo decrescente é sempre ditongo, ou seja, é fonológico.

6. Ao contrário do Ditongo, o Hiato é o encontro de duas vogais “legítimas” em sílabas diferentes. Sabendo disso, identifique onde há ditongo e onde há hiato nas palavras a seguir:

- A. Saúde
- B. Saudade
- C. País
- D. País
- E. Suar
- F. Soar

Vimos, na questão anterior, a importância da distinção entre o hiato e o ditongo, pois a existe possibilidade, como já explicitamos, de alternância entre o ditongo crescente e o hiato. No viés da variação, contudo, apesar de não ser, como descreve Machado (2012, p. 174), “[...] tão recorrente como a já mencionada redução de [ay], [ey] e [ow], existe também, na literatura específica, casos de redução de encontros vocálicos em que o glide está situado antes da vogal silábica”. Situação pouco comum na fala e rara na escrita.

7. Apesar de ser incomum, mas há alguns ditongos crescentes em que não produzimos a semivogal na fala. Observe as palavras a seguir e identifique onde esses casos ocorrem. Percebem algo em comum entre eles além de serem ditongos crescentes?

- A. Série
- B. Cárie
- C. Paciência
- D. Igualar
- E. Árduo
- F. Suave

Consideramos que o trabalho já feito permite ao discente a distinguir hiato de ditongo, ditongo crescente de decrescente, e, inclusive, de perceber alguns processos que ocorrem com eles. Por isso, é possível a partir de agora focalizar os chamados “ditongos leves”, ou seja, os ditongos decrescentes que podem monotongar. Pois, como afirma Hora (2009, sp), “Esses ditongos decrescentes capazes de sofrer redução são

classificados, na literatura específica, como ditongos leves, ao passo que os verdadeiros ditongos não se tornam monotongos”.

8. O ditongo decrescente pode ser o ambiente em que a semivogal pode deixar de ser pronunciada na fala sem mudar o sentido, a exemplo de deixar, que pode ser falado como “dexar”. De posse dessa informação, destaque em quais palavras isso pode ocorrer:

I. Nos ditongos “ai”:

- A. Baixo
- B. Paira
- C. Caixa
- D. Bairro
- E. Faixa

II. Nos ditongos “ei”:

- A. Peixe
- B. Cadeira
- C. Meiga
- D. Papeis
- E. Leite

III. Nos ditongos “ou”:

- A. Ouro
- B. Couro
- C. Besouro
- D. Outro
- E. Calouro

Retorne às palavras e observe os que as palavras têm em comum quando podem apagar a semivogal.

(Aqui o docente deve direcionar o discente a perceber os contextos fonológicos que favorecem a *monotongação*, assim como pode conduzi-lo a perceber quais os contextos extralinguísticos de que produz esse fenômeno na fala.)

Apesar de menos comum do que nos exemplos acima, Machado (2012, p. 174) aponta que “Cabe, ainda uma menção: os ditongos nasais em sílabas átonas também estão sujeitos à variação no português brasileiro. Eles podem ser realizados com ou sem nasalidade”, desfazendo, assim, o ditongo. A autora relata ainda que “[...] eles podem ser interpretados de várias maneiras: ditongos orais acompanhados de consoante nasal; vogal nasal seguida de uma semivogal, ou vogal nasalizada [...] acompanhada de vogal temática” (2012, p. 170). Dessa forma, mesmo sendo pouco recorrente na fala, mas é necessário trabalhar com esses casos porque eles podem ser passados à escrita.

9. O ditongo decrescente é o encontro de uma (vogal + semivogal), na mesma sílaba. Nos exemplos a seguir, temos casos de ditongos decrescentes nasais. Identifique-os:

- A. Mão
- B. Ontem
- C. Carneiro
- D. Viagem
- E. Chegaram

Nas questões, anteriores, o fenômeno da *monotongação* foi tratado por fatores linguísticos e extralinguísticos e, principalmente, observar o fato de os ditongos serem fonológicos. Pois, como bem constata Machado (2012, p.173), “[...] conclui-se que independente do contexto fonológico seguinte, tonicidade da sílaba ou grau de instrução do falante, o que determina se ocorrerá, ou não, o apagamento do glide é o status fonológico desse ditongo [...]”. Essa recorrência muitas vezes interfere na escrita, fazendo com que não se saiba a escrita correta das palavras que possuem esses ditongos. Por isso, é importante que os discentes tenham referência da escrita ortográfica, fato que é reforçado através da leitura e escrita de textos diversos. A questão 10 busca, através de uma atividade pontual reforçar essa questão de escrita ortográfica, mas reforçamos a importância de se trabalhar com textos.

10. Alguns ditongos, comumente, decrescentes, sofrem uma redução da semivogal, tornando-se, assim, um monotongo. Na escrita, contudo, a semivogal precisa estar sempre presente para marcar a existência do ditongo, dessa forma, reescreva as palavras abaixo, ajustando-as à escrita ortográfica:

- A. Troxeram
- B. Cadera
- C. Madera
- D. Solera
- E. Bera

Se por um lado as atividades oferecidas para sanar o fenômeno da *monotongação* tem o objetivo primário de propor elementos capazes de direcionar o aluno quanto ao uso desse fenômeno no PB, conforme as diversas situações de interação linguística, por outro, busca também estimular o espírito crítico nos discentes. E a forma

de fomentar o usuário da LM, na reflexão e discussão da língua durante as diversas situações concretas, “[...] Tratam-se de estratégias que podem estimular os alunos a se tornarem usuários-estudiosos do Português Brasileiro, levando-os não só a vivenciá-lo na prática, mas também a discutir e refletir sobre ela [...]” (TAVARES, 2013, p.93).

Assim, acreditamos ter conseguido promover essa reflexão, já que as atividades propostas buscaram promover o entendimento sobre o ditongo e, mais especificamente, sobre o processo de *monotongação* na fala, assim como a tendência de se transferir esse processo para a escrita. É importante, contudo, reforçar mais uma vez a necessidade de associar às atividades propostas o trabalho de leitura e escrita com textos diversos.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na busca de sanar o fenômeno da *monotongação* que é recorrente na fala e, por isso, passa para a escrita, destacamos como objetivo geral da pesquisa propor atividades voltadas para direcionar os docentes na aplicação, condução e monitoramento do fenômeno, e adequar as atividades ao emprego das variantes linguísticas nas diversas situações de uso concreto da língua.

Para dar conta do objetivo geral proposto neste trabalho, utilizamo-nos da Sociolinguística Laboviana, que é direcionada a fundamentar fenômenos variáveis, a exemplo do apagamento do glide em alguns ditongos no PB, resultando em um processo de *monotongação*.

Antes, porém, de tratarmos da *monotongação*, fizemos um percurso nas concepções fonológicas de sílaba e de ditongo. Ficou explícito que o processo de *monotongação* ocorre com frequência na fala e, apesar de ser menos recorrente, há a interferência desse processo na escrita. Fato este que precisa ser trabalhado com os discentes, já que existe um sistema ortográfico que rege a escrita e que precisa ser observado por eles.

Para tanto, propusemos atividades voltadas para sanar o fenômeno da *monotongação* na escrita, inclusive reconhecendo os fatores que condicionam esse processo na fala. Além disso, optamos por ofertar atividades contextualizadas, com o intuito principal de dar início à conscientização fonológica do processo de *monotongação* na fala e, principalmente, tornar os discentes cientes de que esse processo não deve perpassar para a escrita. Trata-se, portanto, de compreender a importância de adequar as variedades linguísticas aos contextos de uso.

Por fim, percebemos que o fenômeno da *monotongação* no PB se desenvolve a partir das interações comunicativas dessa língua e, por meio de transposição, esse processo variável chega à escrita. Nesse sentido, diante do que observamos no nosso trabalho, corroboramos que a Sociolinguística Variacionista tem dado uma grande contribuição nos estudos relacionados à heterogeneidade da língua, assim como a aplicação ao ensino da língua em uso.

5. REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Irandé. **Muito Além da Gramática: Por um ensino de línguas sem pedras no caminho.** 4ª ed, São Paulo, 2009.
- BAGNO, Marcos. **Preconceito lingüístico: o que é, como se faz.** São Paulo: Edições Loyola, 2008.
- BRASIL. **Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. Base nacional comum curricular.** Brasília, DF, 2016.
- BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa (PCNs).** Língua Portuguesa. Ensino Fundamental Brasília : MEC/SEF, 1997.
- BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa (PCNs).** Língua Portuguesa. Ensino Fundamental Brasília : MEC/SEF, 1998.
- CALVET, Louis-Jean. **SOCIOLINGÜÍSTICA: uma introdução crítica.** Tradução de Marcos Marcionilo. 2ª Ed., São Paulo, Parábola. 2002.
- CÂMARA Jr., J. M. **ESTRUTURA DA LÍNGUA PORTUGUESA.** 363.ed. Petrópolis: Vozes, 2004.
- COELHO, Izete Lehmkuhl. et al. **Para conhecer sociolinguística.** São Paulo: Contexto, 2015.
- COELHO, Izete. **Sociolinguística.** Florianópolis : LLV/CCE/UFSC, 2010.
- COSTA, C. S. S. M. **GT: Variação linguística, oralidade e letramento: discussões e propostas alternativas para o ensino de língua materna.** 2012.
- CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. **Gramática do Português Contemporâneo.** 17. ed. Lisboa : Edicoes Joao Sa da Costa, 2004
- DUBOIS, Jean *et al.* **Dicionário de .Linguística.** 9. ed., São Paulo: Cultrix, 1993.
- FARACO, Carlos Alberto, **Linguística histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas** — São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- FARACO, Carlos Alberto. **Linguística histórica.** São Paulo: Ática, 1991.
- FARACO, Carlos Alberto. **Por Uma Pedagogia da Variação Linguística.** São Paulo: Parábola, 2007.
- GORSKI, E. M. ; COELHO, I. L. **VARIAÇÃO LINGÜÍSTICA E ENSINO DE GRAMÁTICA.** Working Papers em Linguística , v. 10, p. 73-91, 2009.
- HORA, D. da. **FONÉTICA E FONOLOGIA DA LÍNGUA PORTUGUESA.** 2009. Disponível em: biblioteca.virtual.ufpb.br/files/fonatica_e_fonologia_1360068796.pdf. Acesso em 10/04/2019.
- LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos.** Tradução de M. Bagno; M. M. P. Scherre; C. R. Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LUCCHESI, Dante; ARAUJO, Silvana Silva de Farias. **A teoria da variação linguística**. Bahia, MARQUARDT, Valéria Caimi

MARTINS, A. M.; TAVARES, M. A. (Org). **Contribuições da Sociolinguística e da Linguística Histórica para o Ensino de Língua Portuguesa**. V.5. Natal: Editora da UFI, 2013.

MOLLICA, M. C. M. . **Enfoques de pesquisa sobre a relação língua e sociedade**. VEREDAS - REVISTA DE ESTUDOS LINGUÍSTICOS , v. 5, p. 7-19, 2009.

SANTOS, Marcos Bispo dos, **Sociolinguística, teoria social e padronização linguística**, Revista de Estudos da Linguagem, v. 26, n. 2, p. 687-718, 2018

____. PEDROSA, J. L. R. (Org). **INTRODUÇÃO À FONOLOGIA DO PORTUGUÊS BRASILEIRO**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2012.

SELKIRK, E. **The Syllable**. In: HULST; SMITH. (eds.). **The Structure Phonological Representations (Part II)**. Dordrecht Foris. p. 337-383. 1982.

TARALLO, F. **A pesquisa sociolinguística**. 3. ed. São Paulo: Editora Ática S.A., 1990.

VIEIRA, Silvia Rodrigues . **Variação Linguística, texto e ensino**. 2009.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William e HERZOG, Marvin. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. São Paulo: Parábola, 2006.